

Teoria da Otimalidade e mudança lingüística – evolução do acento do português

Seung-Hwa Lee*

Resumo

Este trabalho discute a evolução/mudança do acento baseada nas análises de Jacobs (1999, 2000), nas quais as mudanças do sistema do acento do latim pré-histórico ao latim clássico são determinadas pela interação e re-ranqueamento das restrições na Teoria da Otimalidade. A partir desta discussão, argumenta-se que o acento do português é um sistema híbrido: a atribuição do acento do não-verbo é semelhante à atribuição do acento no latim clássico (peso sensível), enquanto a atribuição do acento do verbo é semelhante à atribuição do acento no latim vulgar (peso insensível).

Palavras-chave: Mudança lingüística; Acento; Teoria da Otimalidade; Latim; Português.

A mudança lingüística é tratada, na Fonologia Gerativa, como adição, simplificação, reordenamento e perda de regra (KIPARSKY, 1968), mas, na Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993; McCARTHY & PRINCE, 1993), é explicada por interação e (re-)hieraquização de restrições, uma vez que não há regras nesta Teoria. Na perspectiva da OT, a gramática de cada língua é determinada por diferentes hierarquias de restrições universais e a variação/mudança de gramática de uma língua para outra língua pode ser explicada pelos re-ranqueamentos (*Reranking*) de restrições na OT.

A questão do acento do português é um dos assuntos mais discutidos na literatura e é tratada por diversas e diferentes análises, que postulam uma regra de acento e, na formulação dessa regra, levam em conta: i) o domínio de aplicação – radical derivacional/palavra; ii) a sensibilidade à quantidade; iii) a sensibilidade à categoria lexical; iv) a natureza e a extensão da extrametricidade.

* Universidade Federal de Minas Gerais, CNPq.

Este trabalho discute a evolução do acento baseada nas análises de Jacobs (1999, 2000), nas quais as mudanças do sistema do acento do latim pré-histórico ao latim clássico são determinadas pelo re-ranqueamento das restrições na OT. A partir desta discussão, argumenta-se que o acento do português é um sistema híbrido: a atribuição do acento do não-verbo é semelhante à atribuição do acento no latim clássico (peso sensível), enquanto a atribuição do acento do verbo é semelhante à atribuição do acento no latim vulgar (peso insensível).

Antes de iniciar a discussão da evolução do acento do latim ao português, cabe observar algumas restrições relevantes para determinar o sistema do acento na perspectiva da OT.

Rooting ($Lx \approx PrWd$): Content words must be stressed (HAMMOND, 1994)

FTBIN (Foot Binarity): Feet are binary at some level of analysis (m, s)

Parse- σ/μ : All σ/μ must be parsed by feet (McCARTHY & PRINCE, 1993)

WEIGHT-TO-STRESS (WSP) Heavy syllables are stressed

RHTYPE: Trochee Left-headed: Align (Σ , L, H(Σ), L)

Iambic Right-headed: Align (Σ , R, H(Σ), R)

ALIGN HEAD-FOOT, R, PRWD, R) (H/R): Main stress is final

ALIGN HEAD-FOOT, L, PRWD, L) (H/L): Main stress is initial

NONFINALITY: A foot may not be final.

ALIGN (PRWD, R, FT, R): Right-to-Left (PRW/R)

ALIGN (PRWD, L, FT, L) Left-to-Right (PRW/L)

Nas seções seguintes, discute-se a evolução/mudança do sistema de acento do latim pré-histórico ao português, baseada nas interações entre estas restrições.

LATIM PRÉ(PROTO)-HISTÓRICO (-240 A.C.)

No latim pré-histórico o acento sempre cai na primeira sílaba de palavra e é insensível ao peso silábico, como os exemplos de (1) demonstram:

(1) fénestra, fáciles, fáciles

O acento do latim pré-histórico é determinado fonologicamente, pela contagem de sílabas, e é obtido pelas dominâncias de $PRW/L \gg PRW/R$ e $H/L \gg H/R$ – o pé sempre coincide com o lado esquerdo da palavra prosódica e o pé principal fica no lado esquerdo de palavra prosódica. A restrição WSP (sensibilidade à quantidade) está localizada abaixo das restrições de alinhamento na hie-

rarquia. Além disso, o acento nunca cai na última sílaba, assim como no latim clássico; a forma do pé é troqueu; o pé é binário; o acento é insensível ao peso silábico – Troqueu silábico. As restrições FTBIN e NONFIN são não-dominadas.

(2) PRW/L >> PRW/R

σ σ σ σ	NONFIN	PRW/L	PRW/R	H/L	H/R	FTBIN	PARSE-σ
(σ σ) σ (σ)	*!				*	*	*
(σ σ) (σ σ)	*!				*		
☞ (σ σ) σ σ							**
σ σ σ σ							
☞ (σ σ) (σ σ) σ			σ				*
σ (σ σ) (σ σ)	*!	σ					*
σ σ (σ σ) σ		σσ!					***
(σ σ) σ σ σ			σσ!σ				***

Fonte: Jacobs (2000).

LATIM ARCAICO/PLAUTO (240-81 A.C)

O acento do latim arcaico, diferentemente do latim pré-histórico, ocorre somente na pré-antepenúltima sílaba, quando as palavras contêm quatro sílabas, sendo as três primeiras sílabas leves, independentemente do peso silábico da última sílaba, como pode ver em (3):

(3) mûlierem, fáciIus, fáciIiter, básiliCus, bálineum

(4) PRW/L >> PRW/R

H/R >> H/L

L L L H	NONFIN	PRW/L	PRW/R	H/R	H/L	PARSE-σ
(L L) L (H)	*!			*		*
L (L L) H		σ!	σ			**
(L L) (L H)	*!			*		
☞ (L L) L H			σσ		*	**

Fonte: Jacobs (2000).

Nas palavras de mais de 4 sílabas, o acento cai na antepenúltima sílaba, como em (5):

(5) malefíCium, domicíIium

$\sigma \sigma \sigma \sigma$	NONFIN	PRW/L	PRW/R	H/R	H/L	FtBIN	PARSE- σ
$\sigma (\sigma \sigma) (\underline{\sigma} \sigma) \sigma$			σ		*		*
$\sigma (\underline{\sigma} \sigma) (\sigma \sigma)$	*	$\sigma!$		*			*
$(\sigma \sigma) \sigma (\underline{\sigma} \sigma)$	*				*		*

Fonte: Jacobs (2000).

Os dados em (6) mostram que o acento do latim arcaico é insensível ao peso silábico; o acento cai no início da palavra, não obstante a penúltima sílaba ser pesada.

(6) uóluptas, ávārus (SALTARELI, 1997)

No entanto, os exemplos abaixo mostram conflito com os dados discutidos em (6) acima.

(7) puérítia (FARIA, 1957), adsímiliter (SALTARELI, 1997)

Nos exemplos de (7), o acento principal cai na pré-antepenúltima sílaba, embora as penúltimas e antepenúltimas sílabas sejam leves. Por outro lado, este fato mostra que o acento do latim arcaico não cai na primeira sílaba da palavra prosódica, diferentemente do latim pré-histórico.

Em resumo, a evolução do sistema de acento do latim pré-histórico ao latim arcaico pode ser explicado pelo re-ranqueamento das restrições $H/R \gg H/L$. Em outras palavras, o acento do latim arcaico é obtido através do alinhamento do pé principal (que contém acento primário) para a posição final da palavra prosódica, diferentemente do latim pré-histórico, cujo pé principal está alinhado na posição inicial da palavra prosódica.

LATIM CLÁSSICO

No latim clássico, o acento – cuja regra é bem estudada na literatura (HAYES, 1995; PRINCE & SMOLENSKY, 1993; MESTER, 1994) – é sensível ao peso silábico e é determinado fonologicamente: i) em palavras de três ou mais sílabas, a penúltima é acentuada se for longa, isto é, se contiver uma vogal longa, ou um ditongo ou uma vogal breve seguida de duas ou mais consoantes; ii) em palavras de três ou mais sílabas, a antepenúltima é acentuada se a penúltima for breve. Em outras palavras, no latim clássico: o acento é troqueu moraico, o pé é não-iterativo, a construção do pé é da direita para a esquerda e a última sílaba é extramétrica.

(8) mulíerem, faciílius, fáciliter, basílicus, balíneum

(9) ténebra, cátedra,
cálidus > cáldus
válide > válde

O acento do latim clássico nunca cai na última sílaba (*NONFIN); o pé é alinhado para o lado direito de palavra prosódica: PRW/R >> PRW/L; o pé principal fica do lado direito da palavra, como mostra o tableau (10).

(10) PRW/R >> PRW/L

L L L H	NONFIN	PRW/R	PRW/L	H/R	H/L	FTBIN	PARSE- σ
(<u>L</u> L) L (H)	*!			*			*
(<u>L</u> L) (L H)	*!			*			
σ L (<u>L</u> L) H		σ	σ				**
(<u>L</u> L) L H		$\sigma\sigma$!					**

Fonte: Jacobs (2000).

O tableau (10) mostra que a dominância PRW/R >> PRW/L força o acento primário a cair na antepenúltima sílaba, diferentemente do que acontece no latim arcaico. As interações entre restrições escolhem erradamente o candidato ótimo nas palavras com penúltima sílaba pesada, como se pode verificar no tableau (11):

(11)

L H L	NONFIN	PRW/R	PRW/L	H/R	H/L	PARSE- σ
σ (<u>L</u> H) L		σ				*
L (<u>H</u>) L σ		σ	σ !			**

Fonte: Jacobs (2000).

Como foi observado por vários autores, o sistema do acento do latim clássico é sensível ao peso silábico da penúltima sílaba e é necessário colocar a restrição WSP na posição alta da hierarquia.

Para satisfazer o acento na penúltima sílaba pesada, a restrição WSP domina a restrição de alinhamento, como mostra o tableau (12):

(12)

L H L	NONFIN	WSP	PRW/R	PRW/L	H/R	H/L	PARSE- σ
(<u>L</u> H) L		*!	σ				*
σ L (<u>H</u>) L σ			σ	σ			**

Fonte: Jacobs (2000).

O acento oxítono do latim clássico é obtido pela introdução da restrição não-dominada $Lx \approx PrWd$, que força todas as palavras lexicais a terem acento, embora as palavras oxítonas não satisfaçam a restrição NONFIN.

(13)

	$Lx \approx PrWd$	NONFIN	PARSE- σ
Méns	*!	*	*
☞ (Méns)		*	

O tableau (14) mostra como o acento nas palavras de duas sílabas é obtido em termos da interação entre restrições.

(14)

	FTBIN	NONFIN	WSP
(á)mō			*!
A(mō)	*	**!	
☞ (á mō)		*	*

A restrição NONFIN dispensa o uso da noção da extrametricidade (HAYES, 1981) na abordagem da OT.

Em resumo, a evolução do sistema de acento, do latim arcaico ao latim clássico, é determinada pelo re-ranqueamento das restrições de alinhamento $PRW/R >> PRW/L$ e pela promoção da restrição WSP para a posição não-dominada na hierarquia das restrições. Em outras palavras, o alinhamento do pé garante o acento primário no lado direito da palavra, e o peso silábico na penúltima sílaba se torna importante no sistema acentual do latim clássico.

LATIM VULGAR

No latim vulgar, não há contraste de duração vocálica e o acento na antepenúltima sílaba, do latim clássico, muda para a penúltima sílaba no latim vulgar: i) quando a palavra contém uma vogal que era breve no latim clássico, seguida de uma líquida; ii) quando a vogal, /i/, acentuada, está em hiato com uma vogal breve seguinte no latim clássico e, neste caso, o acento muda para a vogal seguinte. Além disso, o acento do verbo recai na penúltima sílaba ou na vogal temática, como em *rēfīcit* > *refācit*.

- (15) a. Ténebra > tenébra
 b. Cátedra > catédra
 c. mulíerem > muliére
 d. réficit > refácit

Na maioria das vezes a posição do acento do latim vulgar coincide com a sílaba acentuada do latim clássico. No entanto, há o processo de síncope no nível segmental – a penúltima sílaba breve do acento proparoxítono do latim clássico é sincopada, resultando no acento paroxítono, como exemplificado em (16):

- (16) Fécerunt > fécrunt
 Manípulus > maníplus
 dígitum > díctum
 capítulus > capíclus
 nítidus > nítus

Além disso, ocorrem a ditongação/simplificação e a degeminação na sílaba átona que transforma o acento proparoxítono do latim clássico no acento paroxítono no latim vulgar, como exemplificado em (17):

- (17) innocuus > innocus; fílius > fílyus; battuo > batto, etc.

A partir de fatos mencionados acima, o sistema do acento do latim vulgar pode ser resumido da seguinte maneira: i) a última sílaba não atrai o acento, independentemente do peso silábico desta sílaba; ii) o acento recai sobre a penúltima sílaba.

Na perspectiva da OT, o sistema do acento do latim vulgar pode ser descrito assim: i) a restrição WSP não tem peso para determinar a atribuição do acento, diferentemente do que acontece no latim clássico; ii) a forma do pé é troqueu silábico binário não-iterativo; iii) o pé principal fica no lado direito da palavra prosódica.

O domínio das restrições de alinhamento, PRW/R; H/R, sobre a restrição WSP, que se refere à sensibilidade à quantidade, WSP, e a restrição NONFIN garantem o acento paroxítono do latim vulgar. O rebaixamento da restrição NONFIN na hierarquia indica que a última sílaba é sempre considerada na contagem do acento, diferentemente do acento do latim clássico, no qual a última sílaba geralmente não é computada para o acento (extrametricidade em termos de regras).

(18) PRW/R; H/R >> WSP, NONFIN, Parse- σ

$\sigma \sigma \sigma \sigma$	FTBIN	H/R	PRW/R	WSP	NONFIN	PARSE- σ
a. $\sigma \sigma (\underline{\sigma} \sigma)$					*	***
b. $(\sigma \sigma) (\underline{\sigma} \sigma)$			$\sigma!$			*
c. $(\underline{\sigma} \sigma) (\underline{\sigma} \sigma)$		*	$\sigma !\sigma$			*
d. $\sigma (\underline{\sigma} \sigma) \sigma$		*	$\sigma! \sigma \sigma$		*	*

Obs) álacrem > álecrem > alécrem > alegre

DO LATIM VULGAR PARA O PORTUGUÊS

Quanto ao português, o acento é previsível e sempre incide sobre uma das três últimas sílabas da palavra, tanto para verbos quanto para não-verbos; além disso, essas posições de acento coincidem com a última vogal do radical derivacional nos não-verbos e com a última vogal do tema, nos verbos (cf. MATEUS, 1983; ANDRADE & LAKS, 1991). De um lado, a questão do acento é tratada, na literatura, por diversas e diferentes análises, que postulam uma regra do acento e, na formulação dessa regra, levam em conta: i) o domínio de aplicação – radical derivacional/palavra; ii) a sensibilidade à quantidade; iii) a sensibilidade à categoria lexical; iv) a natureza e a extensão da extrametricidade.

Na evolução do latim para o português, o acento português cai na mesma posição do acento do latim vulgar, mas as alternâncias segmentais, como síncope e apócope, forçam um novo sistema de acentuação.

(19) Apagamento de vogal /e/

Amóre > amor

Dolére > doer

Durare > durar

(20) Apagamento de /m/

-ñtiem > -ez

communem > comum

órphanum > órfão

Fácent > fazem

Caput > cabo

(21) $e \rightarrow \emptyset / [l, r, n] _ \#$

Crudélem > cruel

Colorem > cor

Solem > sol

(22) $i \rightarrow \emptyset / _ \#$

feci > fiz

sali > sal

Os exemplos de (19-22) mostram que a apócope faz ressurgir a sensibilidade de peso silábico no sistema do acento no português, tornando-se a última sílaba acentuada. O acento cai na última sílaba quando a palavra termina em sílaba pesada (consoante), e na penúltima sílaba quando palavra termina em sílaba leve.

Isso significa que a restrição WSP voltou a ser uma restrição importante para determinar o acento do português, sendo promovida na hierarquia, em termos da OT.

(23)

Candidates	FTBIN	PRW/R	WSP	PARSE- μ
a. ra(páz)				*
b. (rapáz)	*!			
c. (rápaz)	*!	**	*	*

O tableau (24), no entanto, mostra que as restrições de alinhamento dominam a restrição WSP. Caso contrário o candidato (24 c) é escolhido como a saída ótima. Convém lembrar que o acento do português é não-iterativo. Isso difere do latim clássico, em que a última sílaba não recebe acento por causa da restrição NONFIN.

(24) PRW/R >> WSP >> Parse- μ

Candidates	FTBIN	H/R	PRW/R	WSP	PARSE- μ
a. for(mál)				*	*
b. (fór)mal		σ	σ	*	*
c. (for)(mál)			$\sigma!$		
d. (fórmal)	*!			*	
e. (formál)	*!			*	

Essa dominância, no entanto, traz resultado indesejável nas palavras proparoxítonas, como mostra o tableau (25):

(25)

Candidates	FTBIN	H/R	PRW/R	WSP	PARSE
a. (fós)foro☺		$\sigma \sigma$	$\sigma! \sigma$		**
☞ b. fos(foro)				*	**
c. (fósfo)ro	*!	σ	σ		*
d. (fos) (fóro)		σ			

Todas as vogais postônicas em penúltima posição que não caíram no latim vulgar permaneceram em português (cf. WILLIAMS, 1991, p. 65), ficando como palavras proparoxítonas, como mostram os exemplos em (26):

(26) Debitam > dívida

Dubitam > dúvida

Iuuenes > jovens

Pérsicum > pêssego

Além disso, essa hierarquia não funciona com verbos, nos quais o acento não cai na última sílaba, independentemente do peso silábico desta sílaba.

(27) fazem, falámos

Na abordagem derivacional (MASSINI-CAGLIARI, 1999; BISOL, 1994) foi introduzida a noção da extrametricidade para derivar o acento correto. Nestas análises considera-se como extramétrica a última consoante que contém função morfológica nos verbos e, nos não-verbos, considera-se como extramétrica a última mora das palavras proparoxítonas e a última sílaba pesada das palavras paroxítonas. A extrametricidade pode ser explicada por promover a restrição NONFIN sobre as restrições de alinhamento na hierarquia, como em (28):

(28) NONFIN >> H/R; PRW/R

Candidates	FTBIN	NONFIN	H/R	PRW/R	WSP	PARSE
☞ a. (fós)foro☺			$\sigma \sigma$	$\sigma \sigma$		**
b. fos(fóro)		*!			*	**
c. (fósfo)ro	*!		σ	σ		*
d. (fós) (foro)		*!*	σ	$\sigma \sigma$		

Contudo, há problemas em se estipular o troqueu moraico como pé canônico do português:

- i) Há problema de *catalaxis*, que acrescenta uma mora para explicar palavras oxítonas que terminam em vogal, como em *café*, *pé*;
- ii) Não se explica o fenômeno de *clash*, como em *câfezinho*, *animalzinho*; (ver LEE, 2001);
- iii) Não se explica por que a síncope somente ocorre no pé.

A síncope, do latim clássico ao português, sempre ocorre dentro do pé – a sílaba não acentuada é apagada e a última vogal fora do pé não sofre a síncope, como exemplificado em (29):

- (29) (dígi)tum > díctum
 ca(pítu)lus > capíclus
 feci > fiz

Este fenômeno persiste no dialeto popular, como os exemplos de (30) demonstram:

- (30) Homem > hómi
 Fósforo > fósfro
 chácara > chácra
 Faláram > faláru

QUANDO A FONOLOGIA ENCONTRA A MORFOLOGIA

Lee (2001 a, b) propõe uma análise do acento do português, introduzindo restrições relacionadas à morfologia. Essa análise é baseada na interface fonologia-morfologia, diferentemente das análises propostas para o sistema do acento do latim, no qual o acento é determinado somente pelas restrições fonológicas.

Surgimento da morfologia

As formas verbais de primeira pessoa do plural do subjuntivo futuro, do subjuntivo pretérito imperfeito, do indicativo pretérito mais-que-perfeito e do indicativo pretérito imperfeito apresentam acento proparoxítono no português:

- (31) *faláramos*, *falaríamos*, *falássemos*, *falávamos*

O acento destas formas foi tratado através da introdução da extrametricidade

nas análises derivacionais, considerando-se a última sílaba como extramétrica. Ao tratar deste fenômeno no espanhol, Harris (1973) propõe que o acento proparoxítono do verbo resulte da *Paradigmatic Uniformity*, segundo a qual há uma tendência forte de paradigma se tornar uniforme. Os exemplos a seguir mostram a mudança de acento que ocorreu do latim para o português:

(32)

Latim		Português	
a.	b.	c.	d.
Amá:ba	Rénego	Amáva	Renégo
Amá:bas	Rénegas	Amávas	Renégas
Amá:ba	Rénegat	Amáva	Renéga
Ama:bá:mus	Renegá:mus	Amávamos	Renegámos
Ama:bá:tis	Renegá:tis	Amáveis	Renegáis
Amá:bant	Rénegant	Amávam	Renégam

Em (32a, c), as formas do singular e a forma de 3ª pessoa do plural recebem o acento na vogal temática, enquanto o acento cai na penúltima sílaba nas formas de 1ª e 2ª pessoas do plural do latim, e esses acentos mudam para a vogal temática no português. Em outras palavras, o sistema acentual do português mantém um paradigma uniforme. Os exemplos de (32b, d) mostram que o português mantém uniformemente o acento na penúltima sílaba, diferentemente do latim.

A partir desses fatos, pode-se resumir o acento do verbo do português assim:

- i) O pé é troqueu silábico não-iterativo;
- ii) A formação do pé é da direita para a esquerda no domínio do acento.

O acento do verbo sempre cai na primeira vogal não-final, logo após o radical – por exemplo, *falámos* – ou na última vogal do radical – por exemplo, *fálam*. A vogal acentuada do verbo do português deve ser a vogal adjacente ao radical verbal ou a última vogal do radical verbal. A adjacência entre a cabeça do pé e o radical pode ser descrita em termos do GA, como em (33). Esta restrição significa que a margem direita do radical coincide com a margem esquerda da cabeça do pé:

(33) Align-M (Radical, R, H(Σ), L)

(34) Align-M >> PRW/R

Fa}lássemos	FtBin; Ft-Form	Align-M	PRW/R	Parse- σ
☞ a. fa (láss)emos			σ	**
b. fala(ssémos)		*!		**
c. fala(ssé)mos	*!	*	σ	***
d. (falá)(ssémos)	*!	*	$\sigma\sigma$	
e. (falá)sseemos	*!		$\sigma\sigma$	**
f. (fála)(ssémos)		*!*	$\sigma\sigma$	
g. fa(lá)sseemos	*!		$\sigma\sigma$	**

(35) Ft-Bin >> Align-M

Fa}lo	FtBin	Align-M	PRW/R	Parse-s
a. (fá lo)		*		
b. (fá)lo	*!	*	s	*
c. (faló)				
d. fa(ló)	*!			*

Com essa restrição de alinhamento entre o radical verbal e a cabeça do pé pode-se explicar o fenômeno da extrametricidade das análises derivacionais e, além disso, mantém-se a idéia de *Paradigmatic Uniformity*. Essa restrição entra em conflito com a restrição PRW/R, que força o pé a ficar na margem direita do domínio (palavra).

Acento Não-Marcado do não-verbo:

Nas estruturas morfológicas do não-verbo, a vogal temática nunca pode ser acentuada no português. Isso significa que o acento sempre coincide com o lado direito do radical derivacional, como exemplificado em (36):

- (36) a. café, jacaré
 b. formál, felíz
 c. bonít +o, cás + a

Em termos da OT, pode-se estabelecer uma restrição STEM-FT-R que faz alinhamento o lado direito do radical com o lado direito do pé (cf. ALCÁNTARA, 1998).

(37) STEM-FT-R: ALIGN (Stem, Right; Ft, Right)

Essa restrição domina a restrição PRW/R

(38) STEM-FT-R >> PRW/R

Candidates	STEM-FT-R	Ft/IAMBO	PRW/R	Parse
a. (bo ní) to			σ	*
b. (bó ni) to		*!	σ	*
c. bo(níto)		*!		*
d. bo (ni tó)	*!			*

(39) Ft-Bin >> Parse

Candidates	STEM-FT-R	FT/IAMBO	Ft-Bin	PRW/R	Parse
☞ a. a(nimál)					*
b. ani(mál)			*!		**
c. (aní)mal	*!			σ	*

(40)

Candidates	STEM-FT-R	FT/IAMBO	Ft-Bin	PRW/R	Parse
a. jaca(ré)			*!		**
☞ b. ja(caré)					*
c. (jacá)re	*!			s	*
d. (jáca)re	*!	*		s	*

Acento Marcado do não-verbo

As palavras proparoxítonas e as palavras paroxítonas terminadas em consoante são consideradas como marcadas nos não-verbos (Cf. LEE, 2001b). O tableau (41) mostra que a restrição do pé troqueu domina a restrição do pé iambo, diferentemente do que acontece no acento não-marcado.

(41) FT-TROQUEU >> FT/IAMBO

Candidates	STEM-FT-R	FT-TROQUEU	FT/IAMBO
a. ma(quina)	*!		
☞ b. (máqui)na			*
c. (maqui)na		*!	
d. ma(quina)		*	

Assim, pela introdução de as restrições morfológicas os problemas apontados na abordagem em termos de pé troqueu moraico podem explicados.

Por outro lado, atentando-se para a evolução do acento, observa-se que, em geral, a sua atribuição em não-verbos é semelhante à sua atribuição no latim clássico (sensível ao peso), enquanto que a atribuição do acento do verbo é semelhante à sua atribuição no latim vulgar (insensível ao peso). No entanto, os fenômenos segmentais mostram-se desfavoráveis ao pé canônico troqueu moraico no português.

CONCLUSÃO

Este trabalho discutiu a evolução do acento, do latim pré-histórico ao português, na perspectiva da Teoria da Otimalidade. Jacobs (1999, 2000) mostrou que a evolução do sistema de acento do latim pré-histórico ao latim clássico é determinada pelo re-ranqueamento das restrições na OT – do latim pré-histórico ao do latim arcaico pelo re-ranqueamento das restrições $H/R \gg H/L$; do latim arcaico ao latim clássico pelo re-ranqueamento das restrições $PRW/R \gg PRW/L$ e pela promoção da restrição WSP. O sistema do latim vulgar é obtido pelo rebaixamento das restrições WSP e NonFin abaixo das restrições PRW/R e H/R na hierarquia, a partir do sistema do acento do latim clássico. Em outras palavras, os pés são alinhados no lado esquerdo da palavra no latim pré-histórico e no latim arcaico, enquanto são alinhados no lado direito da palavra no latim clássico e no latim vulgar. A restrição WSP exerce papel essencial somente no sistema de acento do latim clássico.

Observou-se, neste trabalho, que o acento do português é um sistema híbrido: a atribuição do acento do não-verbo é semelhante à atribuição do acento no latim clássico (sensível ao peso), enquanto a atribuição do acento do verbo é semelhante à atribuição do acento no latim vulgar (insensível ao peso). Além disso, é necessária uma restrição morfológica para explicar o sistema de acento do português, diferentemente do sistema de acento do latim, que é determinado somente pelas restrições fonológicas.

Abstract

This paper discusses the evolution of the stress system from Prehistoric Latin to Portuguese in the perspective of Optimality Theory. Jacobs (1999, 2000) showed that this change in the stress system, from Prehistoric Latin to Classical Latin, is determined by re-rankings of Optimality constraints. Assuming Jacobs' analysis, I show that the stress system of Portuguese is a hybrid system, between Classical Latin and Vulgar Latin – Verb stress is similar to Vulgar Latin (insensitive to weight), while non-verb stress is similar to Classical Latin (sensitive to weight).

Key words: Language change; Optimality theory; Stress; Latin; Portuguese.

Referências

- ALCÁNTARA, J. B. **The Architecture of the English Lexicon**. 1998. Ph. D. Dissertation. Cornell University. ROA-254.
- ANDRADE, Ernesto d'; LAKS, Bernard. **Na crista da onda: o acento de palavra em português**. Universidade de Lisboa e CNRS, 1991. (Manuscrito)
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. **Letras de Hoje** 98, p. 25-36, 1994.
- BISOL, Leda. O troque silábico no sistema fonológico. **DELTA** 16. 2000. p. 403-413.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Acento em português**. Série Lingüística, v. 4. Campinas: Edição do Autor, 1999.
- FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- GRANDGENT, C. H. **Introduccion al latin vulgar**. 2. ed. Madrid: Selecciones Gráficas, 1952.
- HAMMOND, Michael. **An OT account of variability in Walmatjarri stress**. Manuscript, University of Arizona and ROA. 1994.
- HAYES, B. **A metrical theory of stress rules**. 1981. Doctoral dissertation, MIT, distributed by Indiana University Linguistics Club, Bloomington.
- HAYES, B. **Metrical stress theory: principles and case studies**. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- JACOBS, Haïke. **Preantepenultimate stress in latin**. Handout presented at LSRL 29. University of Michigan, 1999.
- JACOBS, Haïke. **The emergence of quantity-sensitivity in latin: secondary stress and iambic shortening**. Handout presented at LSRL 30. University of Florida, 2000.
- KIPARSKY, P. Linguistic universals and linguistic change. In: Kiparsky, P. **Explanation in phonology**. Foris Publications. [1968] 1982.
- LEE, S.-H. Acento do verbo do português: uma análise à luz da OT. **Actas do XVI ENCONTRO NACIONAL ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA LINGÜÍSTICA, Actas...** 2001a. (no prelo)
- LEE, S.-H. (2001b) Primary stress in portuguese non-verbs. In: REIS, César (Org.). **Estudos em Fonética e Fonologia do Português**, 2001b. (no prelo)
- MATEUS, Maria Helena Mira. O acento de palavra em português: uma nova proposta. **Boletim de Filologia**, n. 27, p. 211-229, 1983.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico*. Um estudo do percurso histórico da acentuação no Português. 1995. Tese de Doutorado, Unicamp.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized alignment. **Rutgers Optimality Archive**, n. 7, 1993.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. **Occasional Papers in Linguistics**, n. 18: Papers in Optimality Theory, University of Massachusetts, p. 249-384, 1995.
- MESTER, R. A. The quantitative trochee in Latin. **NLLT**, n. 12, p. 1-61, 1994.

NIEDERMANN, Max. **Phonétique historique du latin**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1931.

PRINCE, Allan S.; SMOLENSKY, Paul. Optimality theory: constraint interaction in generative grammar. **Technical Report**, n. 2, Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers University, 1993.

SALTARELLI, Mario. Stress in spanish and latin: where morphology meets prosody. In: MARTÍNEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (Eds.). **Issues in the honology and morphology of the major iberian languages**. Washington: Georgetown University Press, 1999.

WILLIAMS, Edwin. **Do latim ao português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.